



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

ESCOLAS AGROTÉCNICAS FEDERAIS NO TRIÂNGULO MINEIRO: O DOGMATISMO POLÍTICO-PEDAGÓGICO VERSUS A FORMAÇÃO HUMANA E TÉCNICA

Aluísio José Alves*
(UESB)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo principal o estudo da gênese do ensino agrotécnico no Brasil e a discussão dos motivos históricos e políticos que levaram à criação das Escolas Agrotécnicas Federais no Triângulo Mineiro. É resultado de uma pesquisa de mestrado e transita pelo caminho aberto pela pesquisa documental e de campo realizada numa instituição de ensino agrotécnico em Uberlândia-MG. Para que os objetivos fossem atingidos foi necessário recuperar a história do ensino agrícola brasileiro buscando perceber o seu desenvolvimento na região e examinar os registros dos procedimentos político-pedagógicos de uma instituição em Uberlândia, considerando, ainda, o seu movimento nos dias atuais. A análise foi feita por meio de cinco categorias: a contradição, entendida como motor interno do desenvolvimento e responsável pela dinamicidade dos fenômenos; a totalidade, que torna possível interrelacionar um movimento com outros ampliando, assim, as possibilidades explicativas; a mediação, um movimento perceptivo que aborda os fenômenos relacionados dialeticamente entre si; a reprodução, vista como uma predisposição das instituições que compõem uma sociedade em reproduzir internamente as mesmas condições que legitimam as relações de poder: a hegemonia, definida como um recurso utilizado pela classe dominante com a finalidade de manter as relações de poder e produção por meio do conformismo da aceitação da ordem pré-estabelecida como natural e universal. Um dos questionamentos centrais diz respeito ao provável fechamento das Escolas Agrotécnicas Federais em dogmatismos político-pedagógicos, o que significaria desconsiderar, assim, as grandes questões contemporâneas da juventude e das relações de poder que acontecem no mercado de trabalho e no interior do universo agrário brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. História. Instituição escolar. Trabalho.

*Pedagogo, aluno especial do Programa de Doutorado em Educação da Universidade Federal de Uberlândia/2007, Mestre em Educação pela mesma Instituição. ajalves@hotmail.com



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

INTRODUÇÃO

1 - Enunciado do Problema pesquisado

Diretamente vinculadas à tarefa de formação de recursos humanos (Técnico em Agropecuária) e alardeando um compromisso de estender ao campo as melhorias advindas do conhecimento técnico-científico, as Escolas Agrotécnicas Federais parecem não adotar um posicionamento crítico em relação às concepções de trabalho, sendo este o ponto-chave para se compreender a desigualdade entre os que concentram poderes e aqueles que acumulam empobrecimento e analfabetismo sócio-político.

Dizendo-se preocupadas em educar somente para o trabalho, as Escolas Agrotécnicas Federais correm o risco de não trabalhar para a educação integral do profissional que buscam formar e oferecer ao mercado.

2 - Delimitação do Problema

Esta pesquisa visou à identificação dos motivos históricos e políticos que levaram à criação das Escolas Agrotécnicas Federais no Triângulo Mineiro e o seu provável fechamento em dogmatismos pedagógicos, o que significaria desconsiderar, assim, as grandes questões contemporâneas da juventude e das relações de poder que acontecem no interior do universo agrário brasileiro.

3 - Pressupostos

Longe de promover uma educação “existenciadora”, que lance luz sobre os aspectos de cidadania, democratização, modernidade e a complexa realidade agrária do país, as Escolas Agrotécnicas Federais estão alicerçadas em um “sloguismo” o que, por si próprio, constitui um sinal de ausência de intenção de desencadear o repensar contínuo do seu papel social (“aprender a fazer e fazer para aprender”).



4 - Fundamentação Teórica

4.1 - Conceitos

Trabalhar para a educação das novas gerações, isso entendido como “um fenômeno dinâmico e permanente como a própria vida” (GADOTTI,1986:12) Parece ser um desafio tão complexo quanto o de educar para o trabalho, tendo em vista que “a integração entre o ensino e o trabalho constitui-se na maneira de sair da alienação crescente, reunificando o homem com a sociedade, conforme sintetiza Moacir Gadotti” (1986:54).

Para que tipo de trabalho as Escolas Agrotécnicas Federais pretendem educar? Para o trabalho entendido como atividade coletiva, universal e transformadora do espírito humano?

O trabalho é uma das formas de transcender as limitações existentes no mundo e no próprio homem, sendo, portanto, uma mediação que merece a mais preciosa atenção das instituições que afirmam ter como missão a formação profissional.

4.2 Categorias

De acordo com Marx, “a realidade é síntese de múltiplas determinações” (1977:218), portanto, para abordar o contexto e a natureza das Escolas Agrotécnicas Federais, foram utilizadas, basicamente, as seguintes categorias:

a contradição, a totalidade, a mediação, a reprodução, e a hegemonia.

5 – Metodologia

5.1 - Universo

Os sujeitos desta pesquisa foram os professores e estudantes da Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia.

Foram realizadas pesquisas documental e de campo para a identificação do cenário em que está inserida a Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia no Triângulo Mineiro, abrangendo os aspectos legais, históricos, políticos e pedagógicos.



5.2 - Amostra

Vinte professores, o que corresponde a 50% do total de docentes e oitenta estudantes, 20% dos matriculados na Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia, atuantes no ano de 1999.

Levantamento de informações na instituição acerca dos procedimentos organizacionais e pedagógicos, buscando perceber os seus efeitos nos professores e estudantes.

6 – Conteúdo da Dissertação

O capítulo 1 está reservado à abordagem do fenômeno da globalização da economia e às considerações de alguns dos seus possíveis impactos no processo de formação dos recursos humanos de nível médio para a agropecuária brasileira. Dedicado, ainda, à busca de representação macroperspectiva dos conceitos de educação, trabalho e gerenciamento presentes no interior do desenvolvimento do modo de produção capitalista e a sua relação com o ensino agrotécnico.

O capítulo 2 se presta à discussão da evolução das concepções e organizações curriculares das Escolas Agrotécnicas Federais. Aborda, ainda, sua fundamentação legal sintetizada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 20 de janeiro de 1996 e em fase de implementação em 1999 pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de nível técnico.

O capítulo 3 é o espaço para uma breve descrição da história do ensino agrotécnico no Brasil e da sua instalação na região do Triângulo Mineiro. Buscará, ainda, perceber algumas determinações liberais na educação brasileira assim como a caracterização atual da Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia.

O capítulo 4 é dedicado à caracterização dos estudantes da Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia no ano de 1999, à transcrição de suas vozes se manifestando a respeito dos motivos para a escolha do curso, das esperanças e inquietações frente ao mercado de trabalho e dos seus sentimentos em relação à própria instituição, assim como das suas sugestões e aspirações para o aperfeiçoamento do ensino agrotécnico.



O capítulo 5 apresenta o perfil dos professores da Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia e os posicionamentos e as concepções desses profissionais acerca dos motivos que levaram o jovem a procurar a Instituição, e, ainda, a relação da instituição com o mercado de trabalho.

7- A organização do ensino técnico, o mercado de trabalho e o futuro sob a ótica dos estudantes da Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia

O Capítulo 4 apresenta, em sua centralidade, a caracterização dos estudantes da Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia no ano de 1999, à transcrição de suas vozes se manifestando a respeito dos motivos para a escolha do curso, das esperanças e inquietações frente ao mercado de trabalho e dos seus sentimentos em relação à própria instituição, assim como das suas sugestões e aspirações para o aperfeiçoamento do ensino agrotécnico.

Quatrocentos é o número de estudantes regularmente matriculados na Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia, em 1999. Destes, foram sorteados 80 (oitenta), abrangendo as três séries do curso, 20% do total, para participarem desta pesquisa.

Entretanto, participaram 69 (sessenta e nove) estudantes, correspondendo, portanto, a 17,25%

Foram usados questionários idênticos para todos os estudantes, independentemente das séries cursadas por eles.

Não é objetivo desta análise o foco sobre o aspecto quantitativo, os números e indicadores que serão apresentados apenas serão pontos-de-partida para uma abordagem qualitativa dos fenômenos apreendidos.

7.1 - Quem são

A caracterização dos estudantes demonstrou que a distribuição por faixa etária pode ser representada assim:

até 18 anos = 58%

de 19 a 25 anos = 39%



mais de 25 anos = 3%

Quanto ao gênero:

Feminino = 4%

masculino = 96%

7.2 - A origem

O que estaria atraindo jovens da cidade para um curso para formação de Técnico em Agropecuária? Seria a tendência crescente do desemprego nas áreas urbanas ou estaríamos diante de resquícios da crença na “vocação agrária do Brasil”? Por outro lado, poderia ser o baixo custo que representa o curso para o estudante?

Quanto ao raio de abrangência do atendimento da Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia, neste ano letivo, predominam os municípios localizados no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, com 84%, destas duas micro-regiões.

Em seguida, a maior representatividade é a do Estado de Goiás, com 14%, notadamente, das cidades situadas na região fronteiriça. E, por último, o Estado da Bahia, com 2% dos estudantes.

7.3 - Motivos para a escolha do curso

Questionados sobre as três razões que justificam a escolha do curso Técnico em Agropecuária, a pesquisa percebeu que, partindo do motivo mais apontado, os três primeiros foram:

- | | |
|---|-----|
| 1º) Gostar do contato com a terra/natureza/animais | 55% |
| 2º) Por ser um curso que cria mais oportunidade de emprego | 30% |
| 3º) Conhecer melhor a agricultura e a pecuária | 15% |

É clara a manifestação do idealismo que os jovens carregam ao ingressar na Escola, ou seja, a busca de fazer o que realmente gostam.

7.4 - Continuidade e terminalidade



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

Ao responderem à pergunta se havia pretensão de ingressar em curso superior, 85% optaram pelo sim, contra 15% de estudantes que negaram tal objetivo.

Foi solicitado aos estudantes que apontassem, pela ordem de preferência, os benefícios trazidos pelo conjunto de estudos e práticas da Escola. Buscou-se saber sobre as contribuições e sua abrangência no aspecto da formação humana e profissional. Eis a avaliação dos entrevistados:

CONTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES NO SENTIDO DE percentual	%
1º) Preparar para o trabalho com o objetivo de inserção no mercado produtivo	36%
2º) Ampliar e aprofundar conhecimentos, habilidades e experiências adquiridas.	13%
3º) Desenvolver a autoconfiança.	11%
4º) A participação de forma responsável e criativa no desempenho de tarefas.	10%
5º) A construção de conhecimentos que lhe possibilite situar-se criticamente	9%
6º) Aperfeiçoar as formas de comunicação, sobretudo, da Língua Portuguesa.	7%
7º) Conhecer o próprio potencial e descobrir aptidões para prosseguir os estudos.	5%
8º) Exercer crítica e conscientemente a cidadania.	4%
9º) Participar do desenvolvimento econômico, social e cultural desta região.	3%
10º) Preservar e expandir o patrimônio cultural da região em que a Escola está localizada.	2%



Novamente, a tônica da preparação para o trabalho com o objetivo de inserção no mercado de trabalho, foi considerada pelos estudantes como a mais significativa dentre as atividades escolares.

Embora 81% estudantes considerem positiva a transmissão do conhecimento, a preparação para o trabalho não é analisada de forma tão generosa, confirmando, assim, a preocupação principal daqueles jovens com a inserção nesse competitivo e excludente mercado.

A visão sobre a contribuição da Escola para fomentar a participação social crítica e transformadora não é significativamente positiva, uma vez que 44% dos estudantes entendem que isso não acontece ou apenas em parte.

7.5 - Os significados do trabalho

A pesquisa quis saber dos estudantes qual é o significado de trabalho que a Escola repassa para eles, através das aulas, falas, práticas, leituras, eventos culturais e outros. Apurou-se que os significados mais presentes são:

TRABALHO É	FREQÜÊNCIA
Auto-realização	50%
Forma de promoção social	15,27%
Obrigação social	13,88%
Outros*	20,85%

Seguindo fielmente a cartilha liberal, o individualismo   fomentado pela Escola sob o disfarce da auto-realiza o, essa concep o não cede espaço para o trabalho como fun o social, de coletividade.

Fica implícita a  a ideológica chamada para a ascensão social pela via do trabalho, o que já se faz presente no imaginário da classe trabalhadora, ou seja, se o profissional



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

pode se realizar, isso será aferido pelo seu ingresso e permanência no mercado de trabalho.

É a maquiagem de um processo de controle social que tem uma mensagem fulminante dos donos do capital: a auto-realização vem apenas pelo trabalho, que é nos servir, não se preocupe com mais nada, não pense, não se engaje, não reaja. Apenas trabalhe, esse é o caminho da sua felicidade pessoal e realização profissional.

Nessa ótica não há a percepção de outros viéses, “determinações múltiplas”, que podem comprometer a auto-realização.

Como omitir a percepção de que a Escola é eco dos interesses políticos e econômicos dominantes na sociedade em um determinado momento histórico?

Diante disso, a auto-realização do trabalhador ganha outros contornos e oferece outras possibilidades de abordagem, sobretudo, permite negar a postura em que o ser do trabalhador é suprimido ou reduzido a apenas um autômato, que se for “bem preparado” pela Escola, será bem sucedido.

O trabalho é visto, também, como obrigação social, se todos trabalham, então é preciso trabalhar. É o trabalhar pelo trabalhar. Aqui se materializa a destruição do espírito humano, afinal, se não há motivo e criatividade na ação de trabalhar, nada resta senão o mecânico ato de fazer porque os outros humanos também fazem.

Conceitos pouco tangíveis como “dom que o homem possui”, “responsabilidade” e “necessidade” pouco contribuem para plasmar valores que possam resgatar o trabalho como possibilidade de se construir o ‘reino da liberdade’, conforme sinalizava MARX (1995:3).

O trabalho entendido, também, apenas como conhecimento técnico se apresenta como execução de tarefas, eliminando-se, assim, a cabeça do trabalhador, em outras palavras, trabalho é conhecer como se faz e isso basta, o pensar cabe a outrem.

A concepção de que trabalhar é “fazer o que aprendeu, o que sabe e o que gosta” se apresenta como uma semente de esperança. Afinal, ficou bem claro em algumas



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

respostas formuladas pelos estudantes que há, no interior da instituição, acenos de movimento de insatisfação com a estrutura político-pedagógica e, é claro, isso pode ser um promissor sinal de mudanças na concepção do trabalho humano.

É uma possibilidade de resgate do ser multidimensional do homem.

7.6 – Convergências e Divergências de opiniões dos estudantes

Questionados se concordavam com a forma da Escola encarar e conceituar o trabalho, 84% dos estudantes entrevistados responderam sim e os que não concordam com a forma da Escola explicitar suas concepções de trabalho, 16%. Eis as justificativas:

Convergências	Divergências
Escola encara a realidade de frente”	“Porque tenta nos passar que só nós é que temos de mudar”.
“Assim, aprendo mais”.	“Afirmar que o mercado de trabalho é fácil”.
“A Escola se preocupa muito em formar verdadeiros técnicos para que façam um bom mercado de trabalho”.	“A Escola dá base para trabalhar, não para continuar os estudos”
“Porque o aluno tem que trabalhar para a Escola. A Escola não trabalha para o aluno”.	“A Escola simplesmente quer formar alunos”.
“Saber trabalhar é saber fazer bem feito, da maneira mais simples possível”.	
“Trabalhando, você está aprendendo... e os professores elogiam muito”.	
“Os professores nos preparam para uma atividade que nos dignifica”.	
“Temos que trabalhar, é fazendo que se	



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

aprende”.	
“O profissional competente para poder mandar, tem que saber fazer”.	

7.7 - Os destaques

Foi pedido aos estudantes que numerassem de um a seis, do aspecto mais destacado ao menos destacado dentre as atividades desenvolvidas na Escola, ficando assim o resultado:

Preparar o estudante para relações de mercado que envolvem produção e comercialização.

Preparar o estudante para exercer a cidadania criticamente.

Preparar o estudante para auxiliar o trabalho de profissionais de nível superior e produtores rurais.

Preparar o estudante para prosseguir os estudos em nível superior.

Preparar o estudante para atuar como mão-de-obra.

Outros: Ter negócio próprio;

Resolver problemas;

Conviver com pessoas desconhecidas;

Seguir normas e ser bem sucedido;

Competir diretamente com profissional de nível superior;

Administrar fazendas e instruir produtores.

O mito da preparação para o mercado de trabalho já se encontra fortemente arraigado no imaginário dos estudantes, o que se infere é que há uma concepção subjacente que induz à crença de que para entrar no circuito profissional basta participar de todos os



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

rituais escolares, garantindo-se, dessa forma, o sucesso no momento da iniciação no mundo do trabalho.

Tal relação servil é também uma expectativa no trato com os produtores rurais, que, independentemente de terem nível superior de escolaridade, são vistos como totens a quem os técnicos, mesmo presumivelmente detentores do conhecimento, devem atender numa posição infantilmente classificada como auxiliar.

Além de preparação de mão-de-obra qualificada, cria-se expectativas em torno do negócio próprio, sobretudo, no campo da agroindústria.

Isso é atraente, mas são desconsiderados aspectos tais como o monopólio dos grandes grupos econômicos, as leis que regem a micro e a pequena empresas, fica a ilusão de que bastam a coragem, o conhecimento de como fazer e uma boa idéia para que o profissional seja bem sucedido.

A imagem de seguir metas e ser bem sucedido é uma inculcação muito presente em instituições como as Escolas Agrotécnicas, que mantêm um fortíssimo caráter disciplinador, herdeiro da sua tradição de reformatório, uma vez que sua origem se prende à “assistência aos desvalidos da sorte”.

Claro está que o sucesso aqui é muito semelhante à promessa do Paraíso na eternidade aos que forem bem comportados durante a sua existência terrena.

O que está em jogo é conseguir um espírito de carneiro, ou seja, manso e de fácil condução em rebanho, dos jovens estudantes, pelo menos durante o tempo em que os mesmo estiverem na Escola, depois, será com eles...

Pelo desgaste psicológico que sofrem durante o curso, explicitado pela disputa por status entre os profissionais de nível superior e os técnicos que atuam na Escola, agora, faz-se presente o vislumbre por uma forma de igualdade futura entre eles.

Afinal, os estudantes serão técnicos também, mas se forem competentes poderão “enfrentar” Agrônomos e Veterinários utilizando-se do conhecimento que adquiriram nos bancos e nas práticas que a Escola lhes propõem.



Mais uma vez a ênfase na importância de se seguir tudo que a Escola indicar.

Ao citar as três disciplinas que compõem o currículo do seu curso que mais despertam o seu interesse, em ordem de preferência, os estudantes assim escolheram:

- 1º) Zootecnia
- 2º) Agricultura
- 3º) Irrigação e Drenagem

Ao destacar, pela ordem de preferência, as três disciplinas que consideram menos importantes para o seu curso, o corpo discente não vacilou em apontar:

- 1º) Literatura
- 2º) Redação
- 3º) História

7.8 - A instituição e o mercado de trabalho

Em relação ao atual mercado de trabalho e à região em que está inserida a Escola, o curso Técnico em Agropecuária, segundo os estudantes da Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia:

Apresenta-se com boas perspectivas já que a agropecuária está em expansão, para 61% dos entrevistados;

É alternativa para aqueles que pretendem permanecer no meio rural, de acordo com 15%;

Não existe um mercado garantido, porém, o curso prepara para outras atividades, é o que pensam 13 % dos entrevistados;

Não existe um mercado de trabalho garantido, é preciso ir para outras regiões, afirmam 8% dos estudantes;

Dá pouca visão do mercado produtivo e das relações empregado-empregador, alertam 3% dos entrevistados.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

REFERÊNCIAS

- ALVES FILHO, Eloy.(1977). Fatores Associados às aspirações Educacionais e ocupacionais dos alunos das Escolas Agrícolas de 2º Grau.Piracicaba, (Dissertação de mestrado, ESAL/USP).
- AZEVEDO, Fernando.(1932). Reconstrução Educacional no Brasil: Ao povo e ao governo. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. São Paulo: Cia Editora Nacional.
- BID vai liberar US\$ 5 bilhões para a educação no Brasil (1998, março 25). O Globo, Seção O País.
- BOSIO, Maria Tereza.(1993). Expansão e melhoramento da educação agrotécnica de nível médio através do financiamento de organismos internacionais: caso do Projeto Emeta em Córdoba, Argentina. Rio de Janeiro (Dissertação de Mestrado, UFF).
- BRASIL, Rosa. (1998). Concepção Educacional x Exigências do Mercado de trabalho. Revista da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte, nº 12, v. 2, pp. 113 – 128.
- BRASIL (1983). Ministério da Educação e Cultura. Caracterização Ocupacional do Técnico em Agropecuária. Brasília.
- _____(1999). Ministério da Educação e Cultura. Políticas e Normativas (Alternativas em Construção). Brasília.
- _____(1999). Ministério da Educação e Cultura. Diretrizes Curriculares para a Educação Profissional de Nível Médio. Brasília.
- BRAVERMAN, Harry. (1980). Trabalho e capital monopolista : a degradação trabalho no século XX . 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. (1997). Interpretações sobre o Brasil. In: LOUREIRO, Maria Rita (Org). 50 Anos de Ciência Econômica no Brasil. Petrópolis, pp.17-69.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. (1992). Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. 5. ed . São Paulo: Cortez - A. Associados.
- _____(1982).Comemorando o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova/32. Educação & Sociedade, Nº 12. São Paulo: Cortez, p.5-13.
- ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE UBERLÂNDIA (1998). Portaria Nº 267 de 02 de outubro de 1998. Aprova o Quadro de Funções constante do Organograma. Diretor Geral Carlos Henrique Nazareno. Arquivo da Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia, 02 de out. 1998.
- _____(s.d.). Caracterização da Escola. 13 p. Mimeografado.
- _____(s.d.). Grade Curricular do Curso Técnico Agrícola com Habilitação em Agropecuária, Modalidade: Pós-Técnico.
- _____(s.d.). Grade Curricular do Curso Técnico Agrícola com Habilitação em agropecuária.
- _____(1997). Grade Curricular do Curso Técnico Agrícola com Habilitação em Agropecuária da Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia.
- _____(1999). Manual do Aluno. 18p. Mimeografado.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

-
- ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE GOIÁS (Brasil). Escolas Agrotécnicas Federais. Goiânia:Via Wide Web: [http:// www.redelet.etfgo.br/redelet1.htm](http://www.redelet.etfgo.br/redelet1.htm), 02 ago 1997.
- ESPÍRITO SANTO (1998).ESCOLA TÉCNICA FEDERAL. Mudanças na história do Ensino Técnico no Brasil. Coord. Hélio Rossetti Júnior. Espírito Santo, ETFES, Mimeografado.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa.(1994).Ensino Médio: Desafios e Reflexões. São Paulo: Papirus.
- FREIRE, Paulo. (1988). A Pedagogia da Autonomia. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra.
- FREITAG, Bárbara. (1980). Escola, Estado e Sociedade. 4 ed. São Paulo: Editora Moraes.
- FUKUI, Lia. (1980). Educação e meio-rural : breve contribuição visando a Proposição de temas para a pesquisa sócio-educacional. Ciência e Cultura. São Paulo: INEP. Nº 30, p.141-147.
- GADOTTI, Moacir. (1986). Concepção dialética da educação : um estudo introdutório. 2 ed. São Paulo: Cortez-Autores Associados.
- GHIRALDELLI JUNIOR, P. (1990). História da Educação. São Paulo: Cortez. p.54-78.
- GONÇALVES NETO, Wenceslau. (1997). Estado e agricultura no Brasil: política agrícola e modernização econômica brasileira (1960-1980). São Paulo: Hucitec.
- HERNANDEZ, Fernando & VENTURA, Montserrat. (1998). A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho. Trad. Jussara Haubert. Porto Alegre: Artes Médicas.
- INÁCIO FILHO, Geraldo.(1996). A monografia na universidade. Campinas: Papirus.
- KURZ, Robert.(1999, junho 13). À Espera dos Escravos Globais. Folha de São Paulo, Caderno 5, p.09
- HOBBSBAUWN, Eric. (1995). Era dos Extremos: o breve século XX – 1914 - 1991.São Paulo: Companhia das Letras.
- MINISTÉRIO DA JUSTIÇA (1979). Decreto Nº 83.935 de 04 de setembro de 1979. Altera a denominação dos estabelecimentos de ensino que indica. Presidente da República João Figueiredo. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 5 de set.1979. Sec. I, pp.12.890 -12891.
- NEUVALD, Luciane.(1996). O Ensino Agrícola no Período Populista – 1943/1964. Educação Pública, Nº 8, Cuiabá: UFMT, pp. 87-106.
- NISKIER, Arnaldo.(1995). Educação Brasileira: 500 anos de História, 1500-2000. 2 ed. Rio de Janeiro: Consultor. Pp. 134-136 e 208-212.
- NORONHA, O. M. (1996). Educação e Trabalho: algumas reflexões. Transinformação, Nº 8, Campinas: PUC.
- ORTIZ, Renato. (1999, outubro 7). Globalização, Poder e Medo. Folha de São Paulo, caderno 1, p.06
- RIO GRANDE DO SUL (1998). FEDERAÇÃO NACIONAL DOS TÉCNICOS AGRÍCOLAS. Parâmetros Curriculares para o Curso Técnico Agrícola. Porto Alegre. Mimeografado.
- UBERLÂNDIA (1999). Universidade Federal de Uberlândia. Centro de Ciências Humanas e Artes.Programa de Mestrado em Educação Brasileira. Orientações para elaboração de trabalhos acadêmicos em geral. Coord. Geraldo Inácio Filho. Uberlândia: UFU.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado. (1990) Capitalismo e Escola no Brasil: A constituição do Liberalismo em Ideologia Educacional e as Reformas do Ensino (1931-1961). Campinas: Papirus.